

## **Inteligência Artificial Em Projetos Voltados Para As Mulheres: Desenvolvimentos, Investimentos e Impactos<sup>1</sup>**

Lara Morelato Gallo<sup>2</sup>

Tarcisio Torres Silva<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas

### **RESUMO<sup>4</sup>**

Este estudo investiga os impactos da inteligência artificial em projetos voltados para as mulheres no Brasil. Parte-se da hipótese de que a expansão da IA ocorre em contextos marcados por desigualdades estruturais, influenciando o acesso a investimentos, espaços decisórios e reconhecimento técnico. Por meio de revisão bibliográfica, análise conceitual e estudo exploratório, o trabalho busca evidenciar as condições que moldam o protagonismo feminino e sua influência no campo tecnológico brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inteligência artificial; Gênero; Mulheres; Tecnologia de gênero; Tecnologia e sociedade.

### **INTRODUÇÃO**

Segundo levantamento da Serasa Experian (Quem, 2026), apenas 24,5% dos cargos da área de tecnologia são ocupados por mulheres no Brasil, evidenciando a baixa representatividade feminina em setores digitais historicamente dominados por lideranças masculinas. Nessa perspectiva, para Tereza de Lauretis (1994), a mulher na tecnologia habita um movimento de vaivém, ela está dentro da representação técnica (atuando na área), mas fora de sua lógica androcêntrica tradicional, criando novas formas de comunidades e discursos a partir dos nuances do sistema.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT 10 - Comunicação, jornalismo e inteligência artificial: mediações, tensionamentos e desafios contemporâneos, evento integrante da programação do 29º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 14 a 16 de maio de 2026.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, bolsista de iniciação científica com auxílio FAPESP (processo 2025/25132-4), email: [laramorelatogallo@gmail.com](mailto:laramorelatogallo@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor pesquisador da Escola de Linguagens e Comunicação da PUC-Campinas, doutor em Artes Visuais. Trabalho realizado com apoio financeiro FAPESP (processo 2024/23436-3), email: [tartorres@gmail.com](mailto:tartorres@gmail.com)

<sup>4</sup> O presente texto contou com o auxílio de inteligência artificial generativa (Chat GPT) exclusivamente para fins de revisão ortográfica e aprimoramento da coesão textual.

Embora as mulheres estejam presentes em iniciativas de inovação social e no terceiro setor tecnológico, sua participação em posições estratégicas no desenvolvimento e na liderança de projetos de inteligência artificial (IA) ainda enfrenta barreiras estruturais. No contexto contemporâneo, a inteligência artificial tem se consolidado como uma das principais infraestruturas tecnológicas que organizam fluxos de informação, automatizam decisões e influenciam a produção de dados em diferentes contextos sociais. Dessa forma, os sistemas e plataformas de IA, refletem estruturas sociais existentes e participam da construção e ampliação dessas dinâmicas. Segundo van Dijck, Poell e de Waal (2018), plataformas digitais funcionam como infraestruturas sociotécnicas que organizam interações sociais e econômicas por meio da coleta e do processamento de dados, o que torna relevante investigar quem participa da representação e desenvolvimento dessas estruturas digitais.

Dentro dessa perspectiva, torna-se necessário analisar as causas sistêmicas que contribuem para a manutenção dessa desigualdade. Assim, questiona-se: como projetos de IA liderados por mulheres no Brasil articulam tecnologia e enfrentamento das desigualdades de gênero, e quais são suas condições estruturais de financiamento e impacto?

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Propomos neste trabalho a leitura do cenário que iremos descrever a partir da Teoria Ator-Rede. Dentro dessa perspectiva, inteligência artificial pode ser compreendida não como ferramenta neutra, mas como efeito de uma rede sociotécnica composta por atores humanos e não humanos, sendo esses programadores, bases de dados, infraestruturas computacionais, investidores, plataformas digitais e/ou usuários.

André Lemos (2013) evidencia o entendimento de Bruno Latour sobre o assunto. Este autor afirma nesta teoria que lugares são redes de atores que conectam sempre outros lugares e temporalidades, isto é, as ações digitais surgem das relações estabelecidas entre os elementos da rede. Nesse sentido, algoritmos não apenas executam comandos, eles também participam de processos de mediação e tradução que consolidam determinadas visões de mundo. A produção de vieses algorítmicos, portanto, não pode ser atribuída a ações individuais isoladas, mas a configurações históricas e políticas que estruturam essas redes. Ao investigar a presença de mulheres no desenvolvimento de projetos com IA, é

determinante analisar como elas se inserem, ou são excluídas, desses ciclos de poder que definem quais dados circulam, quais problemas são priorizados e quais soluções são válidas.

Nessa linha, o conceito de “tecnologias de gênero”, formulado por Tereza de Lauretis (1994), compreende que o gênero não é uma essência natural, mas um efeito produzido por modelos culturais, discursivos e institucionais que moldam representações. Se, no século XX, o cinema e a mídia desempenharam papel central nesse processo, no contexto contemporâneo as plataformas digitais e sistemas algorítmicos assumem função semelhante, operando como tecnologias que classificam, organizam e distribuem relevâncias. A inteligência artificial, ao categorizar perfis, recomendar conteúdos e automatizar decisões, participa ativamente da produção de identidades de gênero, reiterando normas ou contribuindo para padrões hegemônicos e hierárquicos. Assim, a presença de mulheres na criação e liderança de projetos de IA não diz respeito apenas à representatividade, mas à possibilidade de interferir nos próprios modelos digitais que reproduzem e regulam as narrativas sobre o feminino e o masculino no espaço digital.

Ademais, o ciborgue, proposto por Donna Haraway (2009), propõe a figura do ser tecnológico como metáfora política capaz de romper dualismos modernos que sustentam hierarquias de poder. Ao reconhecer que vivemos sob a “informática da dominação”, na qual fluxos de informação estruturam novas formas de controle e desigualdade, Haraway (2009) apoia a construção de estratégias dentro das próprias redes tecnológicas. Nessa perspectiva, mulheres que atuam na interface com tecnologias de inteligência artificial podem ser compreendidas como sujeitas que almejam a condição de ciborgues, inseridas em sistemas historicamente androcêntricos, mas simultaneamente capazes de reprogramar suas lógicas internas.

## **METODOLOGIA E RESULTADOS**

Como método para a pesquisa utiliza-se o estudo exploratório, analisando projetos e iniciativas que fazem o uso prático da IA para colaborar positivamente com questões femininas. Através de pesquisas qualitativas realizadas na web, com os termos “Inteligência artificial e gênero”, “Mulheres e IA”, “Tecnologias e gênero”, foram elencados, até o momento de escrita deste trabalho, 10 ações que utilizam como ferramenta principal a inteligência artificial para medir, categorizar e apoiar questões

relacionadas ao gênero feminino no Brasil. São elas: BIA (Bradesco), Jéssica (Visão Mundial e Projeto Futebol Delas), GlorIA (UnB), Maia e QuiterIA (Instituto Azminas), Radar Antigênero (Gênero e Número), Nina (Startup Super Nina e Prefeitura de Fortaleza), Maria Valente (Toda cidadã), AI Nice (Todas por uma) e Saúde da Mulher (Vital Strategies).

Nessa percepção, obteve-se que 6 dos projetos analisados são tecnologias de *chatbots* e assistentes virtuais, enquanto os outros 4 são plataformas de análise de discursos, impacto social e/ou comportamento, como pode ser observado na Figura 1.

Dentre esses projetos, 7 são sobre combate à violência, 2 utilizam a IA para monitoramento de desigualdades e 1 é utilizado para educação de direitos das mulheres, evidenciados na Figura 2. Esses dados refletem a busca por justiça social e o pensamento de Haraway (2009), no qual diz que a presença feminina deve redirecionar o uso tecnológico para subverter hierarquias e buscar equidade.

**Figura 1 – Gráfico de análise de tecnologia dos projetos**

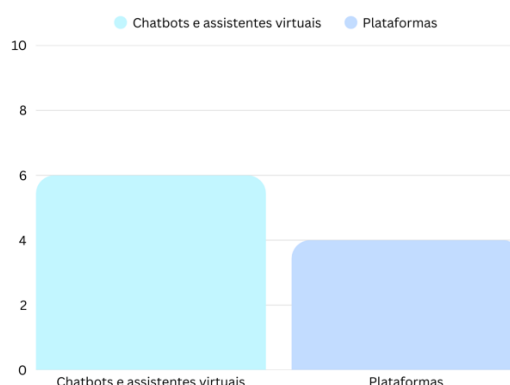
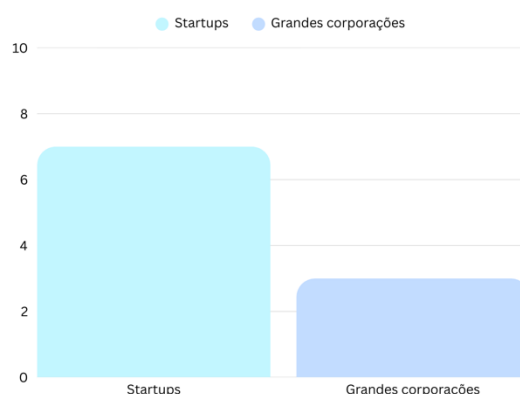


**Figura 2 – Gráfico de temáticas dos projetos**



Enquanto isso, os investimentos realizados por startups correspondem a 7 dos 10 trabalhos. Já grandes empresas do mercado de tecnologia como IBM, Microsoft e Google, financiam 3 projetos, conforme a Figura 3.

**Figura 3 – Gráfico de análise de investimentos**



Um outro ponto importante identificado é que 9 das 10 as iniciativas analisadas possuem mulheres em sua liderança. A única exceção é a iniciativa “AI Nice”, que foi desenvolvida por um homem, inspirado na história de vida de sua própria mãe, buscando lutar e apoiar a causa contra a violência doméstica. Isso demonstra que a presença feminina no meio tecnológico, e como disseminadoras de uma “IA de justiça social”, é parte fundamental para a quebra de preconceitos, violências e vieses algoritmos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permite compreender a inteligência artificial como um território de disputa simbólica e material, no qual identidades e tecnologias são produzidas no interior de redes historicamente marcadas por desigualdades de gênero. A concentração temática dos projetos examinados, especialmente aqueles voltados ao combate à violência, como as assistentes virtuais “GlorIA” e “Maia”, evidencia que determinadas problemáticas associadas à experiência feminina ganham centralidade quando mulheres ocupam posições de liderança no desenvolvimento tecnológico. Nesse sentido, a IA deixa de operar apenas como mecanismo de reprodução de vieses e passa a ser instrumento de enfrentamento de desigualdades.

Contudo, os resultados analisados indicam que essa potencialidade transformadora está condicionada às estruturas de financiamento e governança que

sustentam tais iniciativas. A predominância de investimentos oriundos de startups, em contraste com a menor participação de grandes empresas de tecnologia, revela que o protagonismo feminino na IA ainda se desenvolve em espaços limitados.

Dessa forma, o estudo caminha para a confirmação da hipótese de que a IA atua de maneira ambígua, podendo reproduzir desigualdades estruturais e também posicionando-se como ferramenta de intervenção crítica. Reconhece-se, por fim, o caráter exploratório da pesquisa, dada as amostras analisadas, indicando a necessidade de investigações futuras que ampliem o mapeamento de iniciativas e aprofundem a análise das dinâmicas de financiamento e impacto social no contexto brasileiro.

## REFERÊNCIAS

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LEMOS, A. Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. **Galáxia**, São Paulo, n. 25, p. 52-65, jun. 2013.

QUEM são as mulheres que atuam em tecnologia no Brasil: estudo da Serasa Experian traça perfil desse público. **Serasa Experian**, 04 mar. 2026. Disponível em: <https://www.serasaexperian.com.br/sala-de-imprensa/rh/quem-sao-as-mulheres-que-atuam-em-tecnologia-no-brasil-estudo-da-serasa-experian-traca-perfil-desse-publico/>. Acesso em: 12 mar. 2026.

VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The Platform Society: Public Values in a Connective World**. Oxford: Oxford University Press, 2018.